



Jaldo de Souza Santos, Presidente do CFF

OPINIÃO DO PRESIDENTE

Hino Farmacêutico: atingimos pontos profundos de nossa própria história

Agora, só nos resta cantar

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia

Meus caros leitores, desta vez, falarei no artigo que escrevo nesta página da PHARMACIA BRASILEIRA de um tema mais ameno, mais leve, mas não menos profundo e importante: o Concurso Hino Farmacêutico, realizado pelo Conselho Federal de Farmácia. A fase final do Concurso deu-se, em Salvador, no dia oito de outubro, quando os autores, ou intérpretes designados por estes, defenderam as composições concorrentes. Foi um momento de iluminação, de emoção.

Foi, ainda, um momento encarado de democracia, pautado pela sensibilidade e pelo fazer poético-musical. Ganhou a obra do farmacêutico Islou Silva, morador em Brasília. Hoje, podemos dizer, com orgulho: temos um Hino. Ele será, também, o nosso símbolo e o cantaremos em nossas solenidades ou onde mais nos convier – nas farmácias, nos laboratórios, nas indústrias, nas ruas; baixinho ou em voz alta, para uma multidão ou para um amigo. Ele é o nosso Hino. **O Hino Farmacêutico!**

A Farmácia não tem necessariamente nenhuma relação com a arte, mas, a rigor, também não deixa de ter. A poesia e a música, num passado nada distante, foram os temas de longas rodas de conversa cujo endereço eram as farmácias, notadamente as das pequenas cidades. Há depoimentos e lembranças emocionantes sobre esse tempo.

Há quem veja arte no trabalho solitário do farmacêutico, de manipular substâncias com uma precisão assombrosa. A menos, a fórmula não faz efeito e o paciente pode ter a sua saúde agravada; a mais, a fórmula pode transformar-se num tóxico e matar o seu usuário. O segredo está no equilíbrio.

A Farmácia tem também muito de

intuição. Certas ervas transformaram-se em *remédio*, porque, um dia – há milhares de anos –, alguém intuiu que ela tinha propriedades terapêuticas. A intuição pode ter surgido na observação de animais que, ao ingerirem folhas, cascas, frutos ou raízes daquela planta, curavam suas doenças. A intuição pode ter vindo de uma iluminação inexplicável. É bem verdade que daí a tem que se submeter a criteriosos estudos.

Há farmacêuticos que lidaram com essas duas realidades: a da Farmácia e a da arte. Carlos Drummond de Andrade, farmacêutico itabirano (MG), foi um dos maiores poetas da língua portuguesa. Ao amigo Aluísio Pimenta, também mineiro, farmacêutico e intelectual (Aluísio foi também Ministro da Cultura do Governo Sarney), Drummond disse que escolhera a Farmácia, “porque gostava de gente”.

Obviamente, Drummond quis falar do contato direto que o farmacêutico do seu tempo tinha com o público. Tempo em que as comunidades praticamente giravam em torno do farmacêutico e de sua farmácia. Os últimos lançamentos do mundo literário eram discutidos, na farmácia. As partituras mais recentes do Padre José Maurício eram analisadas, também, ali.

Toda a saúde da população também passava pela farmácia e, nela, tomavam-se posições políticas, discutiam-se a economia e a sociedade. Tudo isso acontecia por um único motivo: o farmacêutico. Ele estava, ali, na farmácia, e era o pólo irradiador. Ele tinha o saber sanitário, manipulava o medicamento e possuía a cultura universal de que a sociedade tanto precisava. Inclu-

sive literário e não raramente musical. Tertúlias, saraus lítero-musicais realizavam-se nas farmácias. Verdadeiras aulas de Química, Biologia, Português, Matemática etc. eram dadas pelo farmacêutico, voluntariamente, para a estudiantada do lugar.

O equilíbrio, o método, a intuição, a sensibilidade, a precisão da atividade farmacêutica estão presentes também na poesia, na música. Em Salvador, no auditório lotado do Othon Palace Hotel, naquela noite de oito de outubro de 2004, o que se viu e se ouviu foi tudo isso. Podemos traduzir aquela noite numa só palavra: beleza. Beleza é o que possui a qualidade de belo. O belo, segundo o “Dicionário Aurélio”, é o que tem forma perfeita e proporções harmônicas. É aquilo que é dotado de caráter estético. A estética é o núcleo da criação artística.

Noutras palavras, a noite de oito de outubro foi marcada pela criação artística de farmacêuticos talentosos e de boa vontade, que emprestaram a sua arte para a história. Quanto criei o Concurso Hino Farmacêutico, tinha a exata noção de que estávamos fazendo história. A idéia era a de nos unirmos mais ainda, desta vez pelos fios condutores da arte. E que desse processo chegássemos a um símbolo imaterial que todos pudéssemos cantar, orgulhosamente.

Na verdade, estávamos, também, tocando em pontos profundos de nossa história, como se repuxássemos o nosso cordão umbilical que nos liga à nossa própria identidade. Isso era preciso. Agora, só nos resta cantar o nosso Hino Farmacêutico, em paz – e a par – com a nossa história e com o nosso futuro.